

A CONSTRUÇÃO ARTIFICIAL DA INAPTIDÃO POLÍTICA DAS MULHERES — UMA ANÁLISE FEMINISTA DAS CAPAS DE REVISTAS E SEUS REFLEXOS NA DEMOCRACIA BRASILEIRA

THE ARTIFICIAL CONSTRUCTION OF WOMEN'S POLITICAL INAPTITUDE — A FEMINIST ANALYSIS OF THE MAGAZINE COVERS AND THEIR IMPACT ON BRAZILIAN DEMOCRACY

Nara Vilas Boas Marques Bueno e Lopes 1
Vilma de Fátima Machado 2

Resumo: Neste trabalho, analisamos 30 capas de revista semanais de circulação nacional, entre 2012 a 2017, enfocadas na crise do governo federal no período. Foi adotada a Teoria Fundamentada nos Dados, aplicada a metodologia de análise interpretativa, sob a perspectiva da teoria crítica feminista. O objetivo geral, que guarda relação direta com a categoria central analisada, é a da teoria da divisão sexual da atividade política. As categorias emergidas e analisadas foram a exploração dos códigos patriarcais aplicados à política brasileira, a construção do enfraquecimento da Presidenta, a preparação dos leitores para a sua retirada abrupta do cargo e a valorização artificial da imagem de Michel Temer. A conclusão apontou que as publicações analisadas têm o condão de transcender as pessoas retratadas nas capas, prejudicando a ocupação democrática dos ambientes de decisão política coletiva e a implementação dos direitos políticos das mulheres, enquanto direitos humanos.

Palavras-chave: Mulheres. Dilma Rousseff. Capas de revistas. Direitos políticos. Patriarcado.

Abstract: In this work, we analyzed 30 weekly magazine covers with national circulation, between 2012 and 2017, focusing on the federal government crisis in the period. Grounded Theory was adopted, applying the interpretative analysis methodology, from the perspective of feminist critical theory. The general objective, which is directly related to the central category analyzed, is the theory of the sexual division of political activity. The categories emerged and analyzed were the exploration of patriarchal codes applied to Brazilian politics, the construction of the weakening of the President Dilma Rousseff, the preparation of readers for her abrupt removal from office and the artificial enhancement of Michel Temer's image. The conclusion pointed out that the publications analyzed have the ability to transcend the people portrayed on the covers, harming the democratic occupation of collective political decision-making environments and the implementation of women's political rights, as human rights.

Keywords: Women. Dilma Rousseff. Magazine covers. Women's political rights. Patriarchy.

- 1 Mestra pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás – PPGIDH/UFG (2021) com concentração em democracia e gênero. Atualmente é advogada eleitoralista e doutoranda/pesquisadora no Programa de Doutorado do PPGIDH/UFG. Especialização em Direito e Processo Eleitoral pela Faculdade de Direito/UFG (2016). Graduada em Direito pela FD/UFG, campi Cidade de Goiás (2008). Autora do livro: Pequeno manual das mulheres no poder – o que você precisa saber para participar da política brasileira: <https://loja.matrioskaeditora.com.br/produtos/pequeno-manual-das-mulheres-no-poder/>. Goiânia, Goiás, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8286103795358043>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4292-0687> E-mails: buno_lops@discente.ufg.br e narabuenoelopes@gmail.com.
- 2 Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB – 2005). Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás, na cidade de Goiânia, Goiás, Brasil (PPGIDH/UFG). Mestra em História das Sociedades Agrárias pela Universidade Federal de Goiás (1995). Especialização em Museologia pela Universidade Federal de Goiás (2002). Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás (1988). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0618-7684>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6256319627760082>. E-mail: vilmafmachado@ufg.br.

Introdução Metodológica: objeto de análise, referenciais teóricos e passos metodológicos adotados

Neste trabalho, temos a intenção de desenvolver argumentos teóricos analíticos acerca dos reflexos na comunicação política, nos códigos, nos símbolos e nos estigmas da linguagem política brasileira em relação às mulheres que saem dos ambientes privados e passam a ocupar os espaços públicos. Pretendemos desenvolver uma análise crítica acerca de como a comunicação — aqui caracterizada por capas de revistas que aliam imagens e textos — se reflete na perpetuação de estigmas patriarcais artificialmente projetados acerca de uma suposta inabilidade das mulheres ocuparem lugares de liderança política de tomada de decisões coletivas. Em especial, serão analisados 30 capas de revistas de circulação nacional semanal, entre os anos de 2012 e 2017, nas quais a então Presidenta do Brasil Dilma Rousseff¹, única mulher a ocupar a Presidência da República na história brasileira, foi retratada antes, durante e depois do processo de impedimento ao qual foi submetida, resultando em sua derribada do cargo.

Um dos fatores preponderantes para o impeachment da então Presidenta foi a escalada da percepção de sua suposta inaptidão política, pelo eleitorado. Essa percepção foi construída por meio de um constante e paulatino ataque à Presidenta por diversos meios de comunicação brasileiros de circulação nacional. Em contraposição, também serão analisadas capas do então Presidente que a sucedeu no mais alto cargo da República, Michel Temer², após o impeachment de Dilma Rousseff. Por outro lado, ainda é intenção deste trabalho identificar e indicar estigmas patriarcais políticos e seus impactos coletivos, naturalizados e perpetuados na forma de violência política de gênero e na comunicação violenta contra as mulheres. Por fim, também pretendemos analisar os papéis simbólicos afetos às mulheres, com a naturalização de mulheres na ocupação de locais domésticos, por meio da linguagem midiática adotada para retratar a esposa de Michel Temer, Marcela Temer, como uma mulher que se encaixa nos papéis de coadjuvante e de feminilidade esperados pelo patriarcado, em oposição ao protagonismo político de Dilma Rousseff, retratada pela imprensa como indesejável (Nara Bueno; Lopes, 2021).

As 30 capas analisadas foram retiradas de revistas semanais de circulação nacional de veículos tradicionais, que também são amplamente reproduzidas em redes sociais e outros meios virtuais (Forbes, Revista IstoÉ, Revista Veja e Revista e Revista Época³). Nossa primeira grande dificuldade metodológica foi a de levantamento sistematizado destas capas, nosso corpus analítico, uma vez que — apesar das revistas supostamente oferecerem buscas de capas de edições anteriores, bem como manterem uma página que permite a busca das capas por palavras — muitas delas não foram encontradas depois de busca específica e a maioria das revistas aqui referidas não permite acesso a todas as edições que sejam mais antigas que 2017. Fizemos pesquisas das imagens em outras plataformas de busca, como o Google imagens e as páginas de Facebook das revistas mencionadas.

A estratégia metodológica adotada neste trabalho foi a de buscar pelas capas que traziam as figuras dos Presidentes da República (Dilma Rousseff e Michel Temer), entre os anos de 2012 e 2017. Foram analisadas também algumas capas cujo tema central era a crise no governo do período. Nosso objetivo também foi de descrever os dados das imagens, dos títulos e dos subtítulos das reportagens, comparando seus conteúdos com capas de revistas semanais publicadas em datas próximas, ou no mesmo contexto político. Após o levantamento dos dados (capas de revistas), passamos a descrever os eventos observados, categorizando tais eventos “em questões

1 Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/biografia?TSPD_101_R0=086567d05fab2000b529d0546b24edb9784267460315f06262bf9b402c95c26cf32f1c107a709f6a08feaa2e2514300025d3f21eef4100dce40b56f8324a4f02c7137e6c41e67e94fbfd4c63ee9c7852495ad9dce9125cb1692019186d57d9d3, acesso em: 30 de set de 2023.

2 Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/biografia-1/biografia?TSPD_101_R0=086567d05fab2000e09a57f9f4539165c5ed3e103e36c86e041442d069e621e47e4f512e8ba4cadd08e78601db143000f98881c75e091823cd7d7ec168ed86f94431efb3676e923649c47fa1a0bf939eb2a2f077683a8804243c2460d23aeb32, acesso em: 30 de set de 2023.

3 Disponível em: Respectivamente: <https://www.forbes.com/pictures/id45lmfl/forbes-cover-09-10-2012/?sh=9fadffe274d0>, <https://istoe.com.br/edicoes/>, <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja> <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/06/capas-de-epoca.html>, acesso em: 30 de set de 2023.

fundamentais” e, em seguida, desenvolvemos categorias teóricas que permitissem compreender os dados. Esses passos metodológicos são denominados por Kathy Charmaz (2009) de Teoria Fundamentada nos Dados.

Ainda acerca da metodologia, adotamos o método de análise interpretativa, uma vez que este método permite o aparecimento de categorias sugeridas a partir da perspectiva crítica feminista. Assim, com o início do procedimento de análise do material jornalístico, houve o surgimento das categorias teóricas que, aqui, foram orientadas pela perspectiva de gênero (Flávia Biroli; Luis Felipe Miguel, 2013) e pela crítica feminista da ocupação dos espaços de poder-governamentais (Danusa Marques, 2018). O trabalho também foi orientado pela crítica à construção da cultura política brasileira a partir de uma divisão sexual (Carole Pateman, 2013).

A categoria central emergida do corpus analisado consistiu na opressão político-partidária de gênero. As subcategorias surgidas foram os estigmas patriarcais que são aplicados à seara da política institucionalizada com a divisão sexual da política, o reforço desses estigmas pela imprensa com a publicação de imagens e textos pejorativos à Dilma Rousseff, a construção de uma imagem positiva de Michel Temer a partir da antagonização à Presidenta e a construção de uma cultura política que enfatiza características ideais e, em sua oposição, de adjetivos indesejáveis às mulheres. Cada subcategoria emergida da análise foi desenvolvida em seções consecutivas do trabalho.

As referências teóricas trazidas no texto serão indicadas por nome e sobrenome, entre parênteses, mesmo quando indiretas, seguido do ano de publicação da obra. Esta escolha foi deliberadamente feita para que as pessoas que lêem este trabalho possam conhecer a autoria de cada referencial teórico adotado e observar que, em grande parte, foram utilizadas autoras mulheres na realização desta análise interpretativa. Dessa forma, podemos também reconhecer e enfatizar o trabalho intelectual de autoras que se posicionam nas disputas dos espaços acadêmicos. Essas intelectuais devem ser reconhecidas por produzirem ciência sob a perspectiva feminista e, ao indicarmos seus nomes e sobrenomes não estamos desrespeitando nenhuma vedação das regras da ABNT, ao passo que estamos evitando o apagamento epistemológico de autoras que se dedicam ao estudo da temática.

Divisão sexual na política brasileira: a construção de uma imagem pejorativa à Dilma Rousseff pelas capas de revistas semanais brasileiras e seus reflexos na ocupação da esfera política pelas mulheres

Nos dias atuais ainda perduram concepções estereotipadas das mulheres que impregnam a cultura política de que a mulher que ocupa os espaços públicos pode ser classificada como uma pessoa de segunda classe, ou seja, não merecedora de gozar da plenitude dos direitos (Diane Lamoureux, 2009; Flávia Biroli; Luis Felipe Miguel, 2013). Os contornos dos espaços públicos e privados mudam de acordo com a época, contudo, uma divisão permanece constante: o governo faz sempre parte do entendimento daquilo que é público, enquanto a vida doméstica é entendida como o espaço privado (Diane Lamoureux, 2009, p. 209).

Para Carole Pateman (1993), a redefinição dos espaços públicos e privados só acontece com as revoluções modernas, “a partir de uma dupla lógica de cidadania (participação)/soberania (poder público)” com o desenvolvimento das teorias do contrato social de Jean-Jacques Rousseau, no início do século XVIII, à esfera pública foram designadas características de responsabilidade, independência e razão, em contrapartida, a esfera privada foi restringida aos limites domésticos, das relações familiares baseadas na exploração da divisão sexual/social do trabalho (Carole Pateman, 1993). A cultura política passou a naturalizar a divisão dos papéis públicos e privados a partir da exata reprodução dos papéis sociais de sexo, calcada principalmente na associação dos papéis de mãe e de mulher.

Segundo Diane Lamoureux (2009), as mães foram tomadas exclusivamente como seres naturais que não possuíam a racionalidade necessária para os atos da vida pública, pois supostamente não podiam “atingir a imparcialidade necessária à constituição de uma vontade geral” da esfera pública. Essas noções de esfera pública e de esfera privada, enquanto ambientes apartados e estanques, com a predeterminação de gênero para a atuação em cada uma delas, “tem

como funções essenciais interditar o acesso das mulheres ao universo político” (Diane Lamoureux, 2009, p. 210).

Essa interdição das mulheres também é operada no campo da linguagem e da comunicação política. A linguagem pode permitir o acesso de mulheres à esfera pública, ou impedir esse acesso. Mas como é construída a linguagem? Partimos aqui do questionamento se a linguagem política seria construída apenas com palavras formais da língua portuguesa? bell hooks (1989, p. 15) afirma que “a linguagem é também um lugar de luta” e para além da linguagem formalmente constituída de regras gramaticais e palavras escritas ou faladas, a autora se refere a um campo mais amplo de disputa, um campo da realidade vivida onde a opressão e a exclusão são construídas.

É nesta arena que barreiras alegóricas são erguidas, mas não falamos aqui apenas daquelas que delimitam espaços físicos, mas principalmente daquelas que constroem limites imateriais que interditam o acesso ao gozo do espaço político. Para bell hooks (1989), a linguagem também é ferramenta de dominação capaz de impedir, restringir, isolar e enfraquecer:

Ouso falar com oprimidos e opressores na mesma voz? Ouso a falar com você em uma linguagem que irá além dos limites da dominação – uma linguagem que não irá prendê-lo, cercá-lo ou segurá-lo. A linguagem também é um lugar de luta. Os que são oprimidos lutam na linguagem para nos recuperarmos, para nos reconciliarmos, para nos reunirmos, para nos renovarmos. Nossas palavras não são sem sentido, são uma ação, uma resistência. A linguagem também é um lugar de luta. (Tradução livre das autoras).

Neste trabalho, adotamos a definição de campo de disputa da linguagem como o local em que são convergidas as tensões que produzem e reproduzem os estigmas coletivos, como limitação imaterial e material do espaço político. Daí que a comunicação política é construída com imagens, com palavras e com repetições, que são imprescindíveis para o resultado de inserção ou de alienação das mulheres nos espaços públicos. Esta linguagem afeta diretamente a construção e a percepção acerca dos desejos coletivos, funcionando como efetiva ferramenta de confirmação de papéis moldados pelo patriarcado, ao mesmo tempo que exclui mulheres das decisões coletivas possibilitadas pela atuação na política partidária.

Demonstrando essa disputa na arena da comunicação e da linguagem política, em 09 de outubro de 2012 (imagem 1) a capa 1 da revista Forbes traz a Presidenta retratada com um os braços cruzados à sua frente. Dilma Rousseff olha diretamente para seu interlocutor, com uma expressão facial serena e um leve sorriso, os cabelos curtos estão arrumados para cima, levemente ondulados. Ela veste um paletó vermelho e brincos, pulseira e colar dourados discretos. O texto a seu lado, em tradução livre, diz: “uma ex-marxista em um motor empreendedor”. O fundo da imagem é cinza escuro e em frente à Presidenta, o destaque em letras garrafais o texto “As 100 mais poderosas mulheres”⁴ :

4 Texto original: “Brazilian President Dilma Rousseff. A former marxist stokes an entrepreneurial engine” e “The 100 most POWERFUL WOMEN. From IBM to Yahoo, Germany to Brazil, Global leadership has a new look”, acessado em: <https://www.forbes.com/sites/alexisglick/2012/08/22/dilma-rousseff-brazil-entrepreneurs-power-women/?sh=50ba614237d9>, 22 de dez de 2023.

Imagem 1. Capas de Revistas



Imagem 1 - Elaborada pelas autoras a partir de capas publicadas nas Revistas Forbes, IstoÉ e VEJA

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A referida capa da revista Forbes foi publicada no meio do primeiro mandato de Dilma Rousseff (2010 a 2014) e traz uma ideia de junção de dois mundos opostos: por um lado, exalta sua formação marxista, dando uma ideia de que a Presidenta se preocupa com pautas sociais e do trabalho. Por outro lado, tem uma gestão pautada pelo empreendedora, que traz a ideia de adequação à concorrência de mercado e ao desenvolvimento. No ano anterior (2011), Dilma já havia figurado na mesma lista da Forbes de mais poderosas mulheres do mundo. Nas edições anteriores, por dois anos consecutivos, a Presidenta dividiu as primeiras três colocações com Angela Merkel (então Chanceler alemã) e Hillary Clinton (então Secretária de Estados estadunidense).

A segunda capa a ser analisada foi publicada no contexto das Eleições Gerais de 2014, no qual Dilma Rousseff concorreu à reeleição. Na data de 05 de outubro⁵ : houve o primeiro turno das eleições gerais no Brasil. No dia 26 de outubro de 2014 foi realizado o segundo turno. As pesquisas eleitorais eram conflitantes e acirradas, cada um dos principais candidatos à Presidência (Aécio Neves do PSDB e Dilma Rousseff do PT) publicavam pesquisas nas quais apareciam em primeiro lugar, com o intuito de convencer o eleitorado indeciso.

No dia 24 de outubro de 2014, dois dias antes do domingo de votação do segundo turno, a revista semanal IstoÉ publicou a seguinte capa 2: “UMA CAMPANHA MONTADA NA MENTIRA. Como o time da candidata Dilma Rousseff disseminou o medo no País e escondeu a crise econômica para tentar a eleição e permanecer no poder”. Na imagem, a então candidata está conversando com o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva⁶ . Aparentemente, o contexto da imagem original é de uma atividade de campanha, uma vez que Lula e Dilma são filiados ao mesmo partido. Ambos estão em um palanque eleitoral e Lula conversa próximo aos ouvidos de Dilma, enquanto a então candidata olha para frente com a boca aberta. Ambos estão vestidos com a cor vermelha, que é a cor símbolo do Partido dos Trabalhadores.

Sendo uma fotografia tirada em contexto de um evento de campanha, é possível imaginar que havia barulho ao redor de Dilma e Lula que justificasse a aproximação de Lula à Rousseff, para que pudesse ser escutado. Contudo, a imagem somada ao texto da capa 2 construiu uma outra situação: os dois principais líderes do PT são retratados como se estivessem planejando mentiras para manipular o eleitorado. Esse discurso de mentiras supostamente engendrado por Rousseff e Lula altera a percepção dos leitores, que resulta de uma interpretação da imagem e texto. Neste caso, a conversa em um ato de campanha se transforma em um sussurro ao pé do ouvido e o texto em manchete com letras maiúsculas sugere que o ex-Presidente e a então candidata, Dilma Rousseff, estariam conluiados para mentir para a população brasileira.

5 Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/boletim/calendario-das-eleicoes-2014-ja-esta-disponivel-no-portal-do-tse>, acesso em: 24 de outubro de 2023.

6 Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/biografia-periodo-presidencial?TSPD_101_R0=086567d05fab2000fdb2f5583a1894052c3c51434212ec1095a5d2e96652db7d655758596efc4110871224d7a1430004ee046589107ea17cb14ac81190125725221cc0ea272a2e05b058dd6804fa57d720562eab22d0c0c4114e61850f3b0b8, acesso em: 24 de outubro de 2023.

Cinco dias depois de ser reeleita, a Revista IstoÉ estampa novamente Dilma Rousseff na capa 3. Desta vez, apenas seus olhos são retratados. O olhar direto para o interlocutor oculta as demais expressões faciais da Presidenta. Logo abaixo de seus olhos, uma série de palavras com sentido político pejorativo como “fisiologismo, corrupção, inflação, toma lá dá cá” são listadas, antes da manchete: “MUDA JÁ, DILMA”. Depois de uma acirrada disputa eleitoral para a Presidência do País, a revista referida retrata e estimula um clamor por mudança, enquanto a maioria do eleitorado fez uma escolha pela manutenção da Presidenta no poder, postura diferente daquela demonstrada nas urnas pela maioria que a reelegeu democraticamente.

Menos de um mês depois das eleições gerais, a Revista Veja publicou a capa com a então Presidenta: “A SOLIDÃO DA VITÓRIA” e uma imagem de Rousseff olhando para baixo, as sobrancelhas arqueadas em uma expressão de preocupação, com a mão no queixo, apoiando a cabeça (capa 4). No subtítulo veiculado, mais uma vez podemos notar a indução de uma condição de inabilidade política da Presidenta à época recém-reeleita, com os dizeres “Sem saber o que fazer na economia, pressionada pelo PT, abandonada por aliados, a presidente se isola no palácio”. Não por acaso, neste momento, quando o editorial pretende sugerir uma situação de conflito intrapartidário, onde a Presidente estaria sendo “pressionada pelo partido”, utilizam uma fotografia de Dilma Rousseff trajando roupa azul — cor usualmente utilizada pelos candidatos e líderes da direita brasileira — em uma alusão de que a maior líder nacional não pertenceria mais ao PT, comumente identificado com a cor vermelha.

Imediatamente depois das eleições presidenciais e logo após o pleito, as revistas semanais de circulação nacional escolheram reforçar a ideia de fraqueza, vulnerabilidade, isolamento e inaptidão política da então reeleita Presidenta da República. A construção e sedimentação desses símbolos não foram feitos instantaneamente, mas foi sendo feita a cada semana, contribuindo para o gradativo crescimento da ojeriza do público em relação à figura de Dilma Rousseff, com a produção e reprodução de sua imagem veiculada de maneira reiterada.

Construção, enfraquecimento e sedimentação da imagem de Dilma Rousseff nas publicações semanais

Nos meses do ano seguinte, em 2015, as principais revistas de circulação semanal continuavam a retratar Dilma Rousseff com mensagens misóginas, com textos somados às imagens que indicavam aos leitores a sedimentação de uma imagem de inábil, atrapalhada, mentirosa e isolada politicamente da então Presidenta. As capas traziam montagens, ilustrações e fotografias que despersionalizavam de Rousseff. Na capa 5, a Presidenta é ilustrada como cega, com os olhos tapados pela faixa presidencial e um sorriso no rosto. A ideia transmitida é de incapacidade, visto que a cegueira, somada ao sorriso ingênuo, tem como resultado o descolamento da realidade da governante. Aqui também foi explorado pela publicação o preconceito popular arraigado contra as pessoas com deficiência como incapazes para a vida pública.

Na capa 9 Dilma é ilustrada por um desenho caricato, desumanizado, de uma boneca inflável. Ao contrário da referência sexualizada clássica da boneca inflável, aqui não é explorada a imagem sexual que a referência geralmente teria, mas permanece a ideia de objetificação, uma vez que ignora a humanidade da pessoa desenhada. Na imagem, a Presidenta é ridicularizada por sua postura política no exercício do cargo e também por sua fisionomia: seus dentes são exageradamente desenhados para fora da boca, o olhar fixo com as sobrancelhas arqueadas, as manchas em sua roupa que escorre pela faixa presidencial e, principalmente, o nariz longo que remete ao personagem infantil famoso por mentir: Pinocchio.

A capa 9 que faz alusão ao “pixuleco”⁷, boneco inflável de 12 metros de altura do Presidente Lula, que era levado às manifestações de rua contrárias ao governo Dilma, ao PT e, supostamente, contrárias à corrupção na política. Segue a imagem 2:

⁷ Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/guilherme-fiuza/noticia/2015/08/pixuleco-171-o-heroi-inflavel.html>, acessado em 27 dez 2023.

Imagem 2. Capas de Revistas



Imagem 2 - Elaborada pelas autoras a partir de capas publicadas nas Revistas VEJA, IstoÉ e Época.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As características que eventualmente seriam percebidas como positivas em um homem, no caso de Dilma Rousseff são motivos de depreciação e escárnio à sua figura: pelo prevalecimento de sua intelectualidade frente à beleza física (padrões cisheteronormativos), pela fidelidade aos membros de seu partido político e por assumir a tomada de decisão política frente às crises de seu governo. Todas as características que seriam louváveis em um Presidente homem foram transformadas em menoscabo à Rousseff.

Essa narrativa de apagamento da liderança política da Presidenta, com uma representação de marionete “sem poder” (capas 6, 8 e 10), daquela que ocupou o cargo mais importante da República, não condiz com a imagem de uma mulher que foi eleita e reeleita para este cargo. O exercício do mandato exige não só experiência política — o que não se limita ao exercício prévio de cargos eletivos — mas também a capacidade de agregação de outras pessoas e de adaptação às diferentes situações. Por isso, reduzir a figura da Presidenta a uma política desajeitada, inábil e isolada, é incompatível com seu próprio histórico de força e aglutinação política.

As publicações também insuflaram dúvidas em relação as aptidões de governar da Presidenta (como pode ser visto nas capas 8, 11 e 12). A imagem pública de Dilma Rousseff, até então, era de uma mulher assertiva, contida e inteligente. No entanto, as publicações pejorativas e constantes foram eficazes na reorganização de tais características, imprimindo junto aos leitores questionamentos quanto à capacidade da Presidenta. Para Danusa Marques (2018), a plasticidade do patriarcado é fenômeno identificado nas instituições modernas, muitas sendo as ferramentas para a manutenção de seu funcionamento.

Para a autora, o patriarcado contemporâneo “não mais exclui as mulheres na esfera dos direitos de cidadania, contudo as coloca em posições desvantajosas, marginalizadas e subalternas” (DANUSA MARQUES, 2018). Aqui, a desvantagem, a marginalização e a subalternização são percebidas na mudança de entonação do eleitorado e dos leitores coincidindo com o acurado alinhamento de textos e imagens depreciativos veiculados em sucessivas capas semanalmente publicadas, resultando em um constante ataque à imagem da Presidenta.

Na imagem 3, a seguir, podemos notar como Dilma foi sendo retratada, semana após semana, pelas lentes dos estigmas patriarcais e essas imagens negativas foram sendo sedimentadas no imaginário coletivo brasileiro ao longo dos anos:

Imagem 3. Capas de Revistas



Imagem 3 - Elaborada pelas autoras a partir de capas publicadas nas Revistas VEJA, Istoé e Época.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Janaína Viscardi (2019) começa sua análise identificando que esta foto da capa 14 não foi posada, mas sim retirada “de alguma ação que ela [Dilma] estava fazendo”. A capa 14, traz uma fotografia de Dilma Rousseff com sua boca aberta, aparentemente gritando com os dentes à mostra, os olhos arregalados, fixados no horizonte, as sobrancelhas arqueadas no que parece ser uma expressão intensa. Ao lado, o texto:

AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE: Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o país. (Capa da revista IstoÉ, em 06 de abril de 2016).

Para a linguista, a foto em si, sozinha não possui valor, mas “a importância da imagem está atrelada à legenda, àquilo que a descreve [...] cria-se uma realidade para essa imagem a partir da legenda”. Ao analisar a fotografia somada à legenda, continua:

Pronto. Você já criou uma conexão entre a imagem e essa legenda. Você vai supor que ela está gritando. E se você está falando de uma ‘explosão nervosa’ esse grito não é um grito de alegria, de comoção ou de emoção positiva, mas muito provavelmente de alguém que perdeu a razão. [...] Você faz essa associação dessa imagem com alguém que está fora de si. E publicamente fora de si. [...] A imagem é a constatação de que essa é a realidade. É alguém que se descontrola e se descontrolar publicamente. [...] Veja que para chegar à conclusão de que ela ‘perde as condições emocionais para conduzir o país’, precisou-se antes construir essa história. (Janaína Viscardi, 2019)

A descrição do quais seriam as “explosões nervosas” com a exemplificação de ações de descontrole da Presidenta como “quebra móveis dentro do Palácio”, “grita com subordinados e ataca poderes constituídos” constrói uma narrativa cujo resultado também é sugestionado pela própria revista: a Presidenta “perde as condições emocionais para conduzir o país”. A autora

observa, ainda que as especulações trazidas pela revista (de ações de descontrole de Dilma em ambientes privados que não foram confirmados), auxiliaram na construção da incapacidade de governar o país.

Contudo, a fotografia utilizada na capa foi tirada em um momento em que Dilma Rousseff comemorava um gol da seleção, em 2014, em uma partida de futebol que assistia (Rita Neves; Helena Neves, 2017). A utilização desse estigma patriarcal de “descontrolada emocionalmente” fez parte de uma contínua distorção deliberada da imagem da Presidenta com a finalidade de convencer os leitores de sua inabilidade de governar. Dilma foi sendo talhada como inábil para exercer o papel de Presidenta da República.

Carole Pateman (2013, p. 62) afirma que — tanto na consciência acadêmica, quanto na popular — a dualidade entre mulheres e homens recebe papéis sintetizados específicos: por um lado, os homens e a masculinidade são considerados dentro de um papel de “cultura, político, razão, justiça, público, filosofia, poder, êxito, universal, liberdade”. Enquanto o papel das mulheres e do feminino é sintetizado acadêmica e popularmente sendo “natureza, pessoal, emocional, amor, privado, intuição, moralidade atribuição, particular, sujeição”. Nessa perceptiva, ela faz o seguinte questionamento: “por que a separação dos dois mundos é situada dentro da sociedade civil, de modo que a vida pública seja implicitamente conceituada como a esfera dos homens?”.

Também é explorado o estigma de divisão patriarcal de que a mulher é emocional, natureza — e por isso, descontrolada, emocional, que grita e quebra móveis — em oposição à figura racional, cordata, equilibrada e sábia que seria a do homem. Pateman (2013) faz referência a uma percepção social — e portanto coletiva — implícita de que a esfera pública é masculina.

A ideia da esfera política enquanto ambiente masculino não comporta as mulheres como seres racionais, como pessoas ativas social, política e economicamente. A sintetização de um papel adequado, segundo Richard Sennett (2018, p. 57 e 58), “é geralmente definido como um comportamento apropriado a algumas situações, mas não a outras”. Para o autor, a sociedade constrói as definições de que são os papéis a serem desempenhados e do que é apropriado. Na criação destas “definições de adequação”, o autor afirma que:

Os papéis envolvem também códigos de crença — o quanto e em que termos as pessoas levam a sério o seu próprio comportamento, o comportamento dos outros e as situações nas quais estão envolvidas. Para além de qualquer catalogação de como as pessoas se comportam, existe a questão de saber qual o valor que atribuem ao comportamento “específico para a situação”. Os códigos de crença, juntamente com o comportamento, formam um papel, e é exatamente isso que torna tão difícil estudar historicamente os papéis. Algumas vezes, novos padrões de comportamento continuarão a ser interpretados a partir de velhos códigos de crença, e, outras vezes, a mesma espécie de comportamento continuará no tempo, mesmo quando se chegou já a novas definições daquilo que ela significa. (Sennett, 2018)

O que as publicações fazem aqui é utilizar velhos códigos de crenças patriarcais para decodificar situações sociais e políticas que já ultrapassaram o padrão de comportamento patriarcal, ou seja, são utilizados códigos retrógrados de opressão às mulheres, criados em épocas em que as mulheres sequer ocupavam o cenário público, diferente do tempo contemporâneo, onde mulheres são candidatas e eleitas para o exercício de cargos. Contudo, essa ferramenta patriarcal se adapta de outras maneiras.

No caso da capa 13, o mesmo padrão de construção artificial e deliberada de uma imagem negativa da Presidenta: as cores escolhidas dão o tom de gravidade e alarme: a fotografia utilizada em preto e branco — Dilma olhando para baixo, com as sobrancelhas arqueadas, a testa franzida e a boca fechada, sem sorriso — somada à legenda em amarelo, com letras garrafais: “Os 7 crimes de Dilma” e, abaixo da manchete, o editorial traz a listagem dos supostos crimes: “obstrução da Justiça, improbidade administrativa, desobediência, falsidade ideológica, extorsão e abuso de poder, além das pedaladas fiscais”.

Outras publicações também exploraram estes códigos opressivos fundados no imaginário coletivo misógino de alijamento das mulheres da política, respectivamente, quando rasga o rosto de Rousseff (capa 15) e a descreve como carta “FORA DO BARALHO” da política nacional, ou quando coloca sua imagem atrelada à palavra de sabotadora (16), ou quando questiona “O QUE FALTA PARA ELA SAIR?” (Capa 20), com a imagem de uma faixa presidencial pendurada em cabideiro de roupas e apenas sua sombra ao fundo. Essas são mensagens que constroem uma simbologia de ojeriza à Dilma Rousseff, na mesma medida que constroem também a ideia de que Dilma é uma mulher irracional, politicamente fraca, descontrolada e, portanto, inapta para o exercício do mandato.

Também é relevante que a maioria das fotos utilizadas nas capas são fotografias tiradas de contexto, “não posadas” (Janaína Viscardi, 2019) para o propósito específico das matérias ou capas veiculadas pelas Revistas, mostrando a Presidenta pelas costas, olhando ao horizonte, ou sozinha (capas 17, 18 e 19). As fotografias somadas ao texto das manchetes formavam um balão-de-ensaio que, na linguagem da comunicação é uma notícia sem fundamento. No entanto, pela amplitude da circulação e credibilidade das revistas que as veiculavam, tiveram significativa aceitação pelos leitores, afetando a percepção destes em relação à legitimidade do exercício do mandato por Rousseff.

O passo seguinte: o golpe. A construção de Michel Temer como uma imagem oposta à Dilma Rousseff e o descarte/perda do cargo de Presidenta da República

A Presidenta Dilma, fazendo parte de uma minoria política — de mulheres — também estava — e ainda está — inserida na dinâmica de opressão aos grupos políticos mais vulneráveis (Marcia Tiburi, 2020). Não por acaso, as reiteradas publicações serviram para o aperfeiçoamento das ferramentas de (re)tomada e continuação do controle patriarcal da política e para a reafirmação de códigos políticos patriarcais, ao passo que a figura de Michel Temer recebeu um tratamento de estabilidade, solidez, sabedoria e comedimento, conforme ilustram as capas que seguem na imagem 4:

Imagem 4. Capas de revistas.



Imagem 4 - Elaborada pelas autoras a partir de capas publicadas nas Revistas VEJA, Istoé e Época.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As inúmeras violências e os ataques constantes e intencionais dirigidos à Presidenta pavimentaram caminho para uma “solução” que foi perfilhada ao longo do processo de sua descredibilização pública. A ideia de retirada abrupta do poder de Rousseff — sem aguardar as eleições gerais de 2018, quando seu mandato terminaria — foi fixada como solução instantânea do problema, junto aos leitores. Inclusive na capa 21 (da imagem 4 acima), traz a literalidade dessa ideia. Nela a fotografia de Michel Temer é colorida, ele aparece de terno e gravata, sentado com

os cotovelos apoiados nos joelhos, tronco inclinado à frente, dedos entrelaçados, leve sorriso e olhando diretamente para frente. Aqui, sua expressão é de segurança, no que parece ser uma foto posada em seu gabinete ou uma biblioteca, uma vez que podem ser vistos livros ao fundo. Na legenda, em amarelo, as garrafas palavras: “A SOLUÇÃO TEMER”.

Ainda na legenda da capa 21, em letras menores: “Por que Michel Temer pode garantir a governabilidade do País, seja como vice-presidente, substituto de Dilma em caso de impeachment ou aliado de um novo presidente a ser eleito”. A mensagem aliada ao texto tem um interpretação óbvia: Michel possuiria a capacidade de governar o Brasil, caso Rousseff fosse impedida, como também poderia ser uma peça fundamental para um outro (novo) presidente. No outro parágrafo a legenda segue: “Os bastidores de como ele se prepara para a missão de pacificar o Brasil”, complementando a ideia de que o personagem principal da foto tem a imagem de pacificador e apto a completar uma missão, que é governar o país.

Na capa seguinte, de número 22, sob o título “O PLANO TEMER — como o vice-presidente e seu partido se preparam para assumir o governo caso Dilma caia” os mesmos elementos de construção da confiabilidade pública se repetem. Aqui, ele também traça terno e gravata e a fotografia é enfocada em seu rosto, cuja expressão é serena e levemente sorridente, olhando para frente, diretamente ao leitor. O texto da legenda também faz alusão ao seu papel de liderança partidária, com a ideia de que os planos são construídos com a participação de seu partido, ao contrário da ideia de isolamento partidário e político construído em relação à Dilma Rousseff.

Nas capas 23, 25 e 30, a ideia de antagonismo entre a Presidenta e o Vice-Presidente são exploradas em um contexto belicoso, com as palavras “É guerra!”, “Dilma vai à guerra” e “A CHAPA ESQUENTOU”. Notamos que nas referidas edições, é explorada a ideia de uma vocação belicosa de Dilma Rousseff, que contradiz a expectativa de docilidade feminina. Na capa 23, os perfis de ambos são retratados em perfil, ela está no primeiro plano, com uma expressão severa, olhar à frente e o rosto levemente inclinado para cima, ao fundo, Michel aparece embaçado. Na legenda, a frase que anuncia o atrito “É guerra!” vem escrita com o ponto de exclamação, incomum para o uso de legendas em capas de revistas. A pontuação dá o tom de urgência, gravidade e tensão entre os personagens da foto.

Inclusive, sobre a pontuação utilizada nas capas, percebemos uma outra peculiaridade: das 30 capas de revistas com temática política analisadas aqui, apenas 3 trazem pontuação em suas orações: as capas 8, 20 e 23. Não por acaso, duas delas levantam dúvidas em relação à credibilidade de Dilma exercer seu papel de Presidenta da República, respectivamente: “Ela resiste?” e “O QUE FALTA PARA ELA SAIR?”. Na 23, como mencionado, há a sugestão de que a situação é alarmante e a postura de Rousseff é agressiva, de resistência àquele que foi sendo retratado como apaziguador e sensato, confirmando a afirmação de bell hooks (1989).

Ainda na temática de construção da tensão entre Dilma e Temer, na capa 30 o material impresso de campanha da chapa composta por Dilma e Michel, comumente conhecido como santinho, está retorcido por chamas. Na legenda, o texto faz alusão à uma popular expressão de crescimento exponencial da tensão: “A CHAPA ESQUENTOU”. O fogo consome parte da fotografia e alcança Dilma. Do outro lado, o resultado do fogo, a fumaça, encobre o seu nome destacado no material. Ao centro, a figura de Michel Temer passa incólume entre o fogo, a distorção que o calor gera e a fumaça. Ao contrário da interpretação sugerida pela capa referida, eventuais revelações denunciadas por um doador de campanha (“o empreiteiro Marcelo Odebrecht”) deveriam macular a imagem de ambos, Rousseff e Temer. No entanto, a escolha da junção dos elementos de imagem e texto fazem o oposto, protegendo a credibilidade de Michel.

Nas capas 24, 26, 27 e 28, Michel Temer é retratado como um homem poderoso, sensato e intelectual. Na capa 24, aparece em preto e branco, de terno e gravata, com as pernas cruzadas, em um gabinete com a bandeira do Brasil e livros ao fundo. Possui a mão no queixo e o olhar no horizonte, dando uma ideia de seriedade reflexiva. A legenda “DOIS ANOS PARA RECONSTRUIR O BRASIL”, reforça a confiabilidade no desempenho de seu papel de líder político e o texto traz outros elementos que também se somam à ideia de salvador em meio aos caos: “Com Dilma e o PT fora do governo, Michel Temer assume a Presidência e renova a esperança dos brasileiros. Confirmado o impeachment, ele terá pouco tempo para colocar o País no rumo”.

As capas das revistas semanais construíram, então, um senso de urgência que alarmou a

população brasileira e insuflou um apoio popular significativo⁸ para o processo de impedimento. Apesar da drástica solução que, a princípio, respeitava às formalidades legais e permitia uma conformação formal ao regimento constitucional, a medida consistia em uma violenta ruptura não só em relação aos direitos individuais da Presidenta, mas possuía graves implicações políticas e diretos reflexos na democracia brasileira.

Apesar de ter sido iniciado em 02 de dezembro de 2015 — segundo informações do Senado Federal⁹, quando o então Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha¹⁰, aceitou o pedido de impedimento contra a Presidenta Dilma — o processo de impeachment se prolongou no tempo. Na data de 12 de maio de 2016, o Senado Federal também admitiu o a instauração do processo de impeachment, com a determinação de afastamento de Dilma Rousseff e Michel Temer assumiu a Presidência. Na capa 26, Michel é retratado com rigidez cerimonial e uma pompa protocolar, fazendo um discurso em um púlpito. Ao fundo, Temer não está sozinho, é apoiado por outros homens indistinguíveis, também trajando terno e gravata. Sua expressão facial é serena e, abaixo da imagem, a legenda: “O PRESIDENTE ACIDENTAL” e, ainda mais abaixo, uma reprodução de fala direta: “Temer fala à Época: Não vou fazer milagres”. Nesta publicação, um dia após o Vice-Presidente assumir o cargo, a revista traz estampada na capa a mensagem que o eximia da responsabilidade de efetivamente trazer soluções, contrariando as ideias prometidas anteriormente.

Nesta mesma linha, a capa 27 traz a imagem de seu rosto, levemente sorridente, transmitindo uma imagem amigável, serena e confiante, com o olhar ao horizonte. Ao lado a legenda: “O XADREZ DE TEMER”. Aqui, Michel é retratado como um enxadrista e, portanto, a mensagem é de que sua inteligência e articulação — ideias comumente atreladas aos jogadores de xadrez — serviriam à estabilidade política e econômica da República. Na capa 28, a revista traz na legenda a fala do Presidente: “A marca do meu governo será a pacificação” e em seguida completa: “Em sua primeira entrevista como Presidente, detalha os planos para recolocar o País nos trilhos”. Na fotografia utilizada, Michel está de pé, trajando terno e gravata, as mãos levemente cruzadas em frente ao corpo, uma expressão facial sóbria, ao lado de uma mesa decorada com livros. Ao fundo, paisagem de Brasília.

Ao longo do processo de impeachment, construída uma ideia de que se esperava tudo da Chefe de Estado, Dilma Rousseff — inclusive sobre ela recaía todas as frustrações e responsabilidades da nação — em relação à figura de Michel Temer foi construída a ideia de que ele seria um pacificador dos ânimos da população, aliando um imaginário de serenidade econômica e de confiabilidade diplomática no meio político. Contudo, esse cenário artificialmente (também) gerado com a ajuda da imprensa e das publicações aqui analisadas, não se confirmou e o país caiu em uma profunda crise política com o aumento da desconfiança das instituições pela população. Ao passo que foi criada uma ilusão de que o impeachment de Dilma Rousseff seria a solução imediata para a crise econômica e política, causou uma sucessão de agravamentos.

A tramitação do pedido terminou após 273 dias, na data de 31 de agosto de 2016, com resultado de cassação do mandato de Rousseff. Contudo, seus direitos políticos não foram suspensos, tendo sido mantidos em recente julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF)¹¹, no dia 15 de setembro de 2023, sob o entendimento de que a perda do mandato eletivo e a perda dos direitos políticos são sanções autônomas entre si.

A peculiaridade do processamento, subversão da própria sistemática democrática: resultou, por um lado, na cassação de Dilma Rousseff com sua retirada da cadeira da Presidência da República, por outro lado, na manutenção de seus direitos políticos. Percebemos uma contradição nesta situação que merece ser analisada com mais detalhe: em um sistema democrático calcado

8 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/68-apoiam-impeachment-de-dilma-diz-pesquisa-datafolha.html>, acessado em 27 dez 2024.

9 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>, acesso em: 27 dez. 2023.

10 Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74173/biografia>, acessado em 27 de dez. 2023.

11 Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=514718&ori=1> e <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stf-julga-direitos-politicos-de-dilma-apos-impeachment/>, ambos acessados em 27 dez. 2023

no respeito ao voto popular, apenas um caso extremado resultaria em um impeachment. Sob um outro prisma de análise, um processo de impedimento faz parte de um sistema de processamento jurídico-político constitucional, cujo resultado, em tese, significaria que a pessoa cassada desrespeitou gravemente essa sistemática jurídica — sistema este que também consiste em um importante aspecto da construção democrática de um país.

Se forem consideradas somente as regras democráticas, a retirada abrupta do cargo não deveria ser resultado automático da perda de popularidade, ou da perda de apoio no parlamento da Chefe de Estado. Para isso existem as eleições periódicas e regulares.

A capa 29 traz a fotografia do rosto em perfil de Marcela Temer, esposa do então Presidente Michel. A então Primeira-dama está maquiada, com os cabelos alinhados, a orelha com um grande joia dourada pendurada, com o olhar para o horizonte. Na legenda os dizeres: “MARCELA TEMER A APOSTA DO GOVERNO — com uma agenda de aparições nacionais, a jovem e bela primeira-dama vira a grande cartada do Palácio para tirar a popularidade do atoleiro”. Os signos de beleza e doçura femininas são mobilizados, aqui, como sendo suficientes para salvarem o governo de Temer.

O estímulo aos papéis patriarcais é, mais uma vez, utilizado para dar distância entre os adjetivos projetados na pessoa de Dilma Rousseff em contraposição à Michel e Marcela Temer. No caso de Marcela Temer: nenhuma medida efetiva política é indicada, apenas a beleza e juventude são elencados como resolução da profunda insatisfação social e crise econômica agravadas pelo impeachment, antes descarregados na figura de Dilma Rousseff. Já no caso de Michel Temer, apesar de que já estivesse exercendo o cargo de Chefe de Estado, não houve a transferência automática da responsabilização da crise, como antes havia acontecido no reconhecimento de inaptidão ao exercício do cargo.

Considerações finais

A mensagem passada por essas capas de revistas é de que as mulheres serão respeitadas desde que se limitem aos códigos patriarcais que lhe são atribuídos: a coadjuvação política e o de esposa que auxilia a implementação dos planos do marido, com zelo e abnegação (Flávia Freidenberg, Gabriela Pérez, 2017). Nesse caso, Marcela Temer se transformou em “a grande cartada” para alavancar a popularidade do governo de seu esposo (capa 29 da imagem 4 e imagem 5). As reportagens jornalísticas evidenciam ainda que, se as mulheres decidirem se afastarem do papel de coadjuvantes políticas, não se restringindo ao recato do ambiente doméstico — como o fez a Presidenta Dilma Rousseff — serão vistas e retratadas como descontroladas, ensandecidas, loucas, desvirtuosas, derrotadas e raivosas.

Enquanto da mulher (Dilma Rousseff) era exigida uma onisciência impecável, ao homem (Michel Temer) bastava ter o “par perfeito” (Marcela Temer), não sendo necessário qualquer esforço ou habilidade política de sua parte. A linguagem política produzida e reproduzida pela imprensa é de que a mulher perfeita atua como coadjuvante para o protagonista: o marido político, o homem que ocupa os espaços públicos. Para essa coadjuvação, a mulher não precisaria desenvolver quaisquer outras habilidades além da juventude e beleza, pois continuaria restrita à esfera privada, pois o protagonista é o homem.

A linguagem patriarcal é (re)construída a todo momento na intenção de manter os privilégios masculinos em detrimento das mulheres. É um esforço constante na reatualização de signos e códigos que aprisionam as mulheres. Um desses poderosos signos instrumentalizados pelo patriarcado são os padrões de beleza, que utilizam duas categorias: a conformidade e a desconformidade aos padrões estabelecidos. Em ambos os casos, as mulheres são estigmatizadas e limitadas a papéis pré-definidos por códigos patriarcais desvantajosos, talhados para retroalimentar o alijamento da política e o distanciamento do exercício do poder.

No caso de Dilma Rousseff, a linguagem construída é de uma mulher isolada, sem um par romântico que lhe dê sentido no roteiro cisheteronormativo. É construída a imagem de que Dilma, ao não estar acompanhando um protagonista — estando ela mesma exercendo esse papel central em sua própria atuação política — estaria deslocada, incompleta, fora de lugar. Esse lugar nenhum de líderes políticas não é exclusividade da cultura política brasileira, mas iremos nos ater

a esta particular situação neste trabalho: na disputa da linguagem para a ocupação do espaço público, a relação complexa criada pela repetição de palavras, de imagens e de notícias pejorativas conseguiram florescer no eleitorado brasileiro a sensação de que a então presidente Dilma Rousseff era inábil para terminar o exercício de seu cargo.

Fosse porque a presença da mulher fora dos limites domésticos já significou ausência de posses — e, portanto, inexistência de uma linhagem de nobreza, dada a necessidade da dedicação ao trabalho remunerado (Lilia Schwarcz, 2019) — fosse porque significasse que a mulher era prostituta, os corpos de mulheres ultrapassando a ocupação doméstica continua causando estranhamento que ainda persiste nos dias atuais, nos códigos políticos brasileira. Por este motivo que “a distinção entre a operária e a prostituta é frequentemente tênue” (Diane Lamoureux, 2009) e, seguindo esse raciocínio, também as mulheres que se enveredam na ocupação dos espaços políticos são percebidas como forasteiras que desejam ocupar um espaço que não lhes pertence por direito:

Por isso que o “discurso das esferas separadas alimenta e se nutre de um discurso da diferença ‘natural’ entre os sexos, que distribui os papéis sociais segundo a filiação sexual. O homem público obtém consideração; a mulher pública é objeto de escárnio” (Lamoureux, 2009, p. 211).

Essa percepção de que a mulher que se propõe a ocupar a política está em um lugar que não deveria, em um local inapropriado para sua condição inata limitada ao recato do lar, é prejudicial à democracia representativa e consiste em uma prática política e uma linguagem de legitimação de comportamentos patriarcais, nos quais há uma naturalização dos espaços públicos aos homens e um estranhamento do pertencimento desses espaços às mulheres, naturalizando o confinamento das mulheres aos espaços privados.

O exercício dos direitos políticos enquanto direitos humanos, pelas mulheres passa por esse estranhamento e por um caminho de não pertencimento à esfera pública. A contraposição destes construtos comunicativos não são produzidos instantânea e repentinamente. Pelo contrário, são demoradamente elaborados em sutis camadas que utiliza de várias ferramentas e da reinvenção de códigos opressores para restringir mulheres a espaços domésticos, alheias à política partidária, às disputas políticas e às decisões coletivas. As capas de revistas aqui analisadas fazem uso de textos somados à imagens que resultam na atualização e sedimentação de um papel patriarcal: a conformação ao confinamento de mulheres nos ambientes domésticos, afetivos e de cuidado, afastadas da política partidária.

As lutas e as contribuições dos movimentos e das teorias feministas — amplas como foram e continuam sendo — aportam novas fronteiras para a emancipação das mulheres em variados meios (social, cultural, econômico, político etc.) (José Murilo De Carvalho, 2020). A agenda feminista também contribuiu — e continua contribuindo — para o rompimento destas barreiras. O reforço de papéis maniqueístas restritos à mulheres, como os aqui analisados, consiste em ferramenta patriarcal manejada para manter as mulheres alijadas da política partidária. Por outro lado, a construção pela imprensa brasileira da imagem negativa de Dilma Rousseff, como foi analisado acima, estimula a naturalização da violência política contra mulheres. Para a linguista Janaína Viscardi (2023), texto e imagem contribuem em mesma medida para a compreensão e elaboração do sentido apreendido pela pessoa que recebe a mensagem.

A linguagem e os códigos políticos construídos são, portanto, desfavoráveis às mulheres, como analisados nas capas referidas. Por conta da generalidade culturalmente atribuída a estes códigos, eles não se atêm especificamente à individualidade das pessoas de Dilma Rouseff, Michel ou Marcela Temer, mas transcendem a uma lógica aplicada para todas as mulheres, prejudicando a ocupação democrática dos ambientes de decisão política coletiva e a implementação dos direitos humanos das mulheres.

Referências

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos e VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (organizadores). **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

BUENO E LOPES, Nara Vilas Boas Marques. **Mulheres na Tribuna: um estudo da pluricausalidade da sub-representação de mulheres na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás (PPDIDH/UFG), sob a orientação da Professora Doutora Vilma de Fátima Machado. Goiânia, Goiás, 2021.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 26ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIDENBERG, Flavia; PÉREZ, Gabriella del Valle. **Cuando hacer política te cuesta la vida - estrategias contra la violencia política hacia las mujeres en America Latina**. Serie Doctrina Jurídica n. 822; Universidad Autónoma de México: Ciudad del México; 2017.

HOOKS, bell. Choosing the margin as a space of radical openness. **Framework: The Journal of Cinema and Media**, 1989, nº. 36 (1989), pp. 15-23 Published by: Drake Stutesman; Wayne State University Press. Em: <https://www.jstor.org/stable/44111660>, acessado em 10 de outubro de 2023.

LAMOUREUX, Diane. Público/Privado. Traduzido por Alessandra Creregatti. In HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (organizadoras). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MARQUES, Danusa. **Por uma leitura feminista dos estudos legislativos no Brasil**. XI Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política – Democracia e representação: impasses contemporâneos. AT Gênero, Democracia e Políticas Públicas. <https://cienciapolitica.org.br/web/system/files/documentos/eventos/2019/05/por-leitura-feminista-dos-estudos-legislativos-brasil-1576.pdf>. Curitiba, 31 de julho a 3 de agosto de 2018.

NEVES, Rita de Araújo; NEVES, Helena de Araújo. **A REPRESENTAÇÃO DA “MULHER DESCONTROLADA” NA IMAGEM DE CAPA DA REVISTA ISTOÉ QUE RETRATOU A PRESIDENTA DILMA “GRITANDO”**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, ISSN 2179-510X, Florianópolis, 2017.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Senado Federal: <www.senado.leg.br>

TIBURI, Marcia. **Feminismos em comum**: para todas, todes e todos. 13ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Editora; 2020.

VISCARDI, Janaísa. Canal da autora no Youtube. **DUAS CAPAS PERIGOSAS DA ISTO É: DILMA E BOLSONARO**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=BJqZ_G7vSpY, publicado em 14 nov. 2019, acessado em 29 de dezembro de 2023.

BOLSONARO. Canal da autora no Youtube. **MANCHETES ABSURDAS NOS JORNAIS | NOTÍCIAS INCRÍVEIS**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0ouOAMPB9tY>, publicado em 08 ago. 2023, acesso em: 29 de dezembro de 2023. e (, ambas acessadas em 22 de dezembro de 2023.

Recebido em 25 de janeiro de 2024.
Aceito em 21 de março de 2024.